

O VERDADEIRO PROFETA DO APOCALIPSE

ARCANJO GABRIEL

Antônio de Pádua Barreto Carvalho
Faculdade de Letras

(Baseado nos manuscritos de Salustiano Camargos, historiador-mór, que fugiu numa mula ruana no dia em que quase todos morreram em Agonília.)

(Qualquer semelhança com nomes e personagens aqui ressuscitados é mera comparação.)

"Livro das Gerações" — fls. 4

— Citado por Normélio Camargos,
pai de Salustiano, antes de falecer.

**PRIMEIROS DADOS HISTÓRICOS FORNECIDOS POR
SALUSTIANO CAMARGOS ou DE COMO TENÓRIO, O
DEPRAVADO, RESOLVEU CONHECER A AMÉRICA
DO NORTE**

8.666 domingos depois de Pentecostes

Nas altiplanícies do Vale de Agonília o dia ruminava durante 28 horas as bordas dos chapéus do eito, do pasto e do rio. Mateus trabalhava vinte e quatro, fechando a madrugada com a construção de um cigarro de palha na soleira da porta, não sem antes reservar duas horas para aumentar a prole e

xingar a patroa e mais duas para beber, comer e dormir. Tinha tantos filhos que apenas duas vezes por ano se detinha para contá-los — como contava o gado da bondosa alma do Coronel Valburga, ladrão de um terço das terras da Província. — O mais velho, conforme os ainda vivos descendentes da família Camargos, uma geração de grandes historiadores, chamava-se Afonso, de alcunha Centitanto, cuja origem é até hoje desconhecida, assim também seu paradeiro. Sabe-se que fugiu para a capital quando lhe espetou o primeiro fio de barba, dizendo que iria entrar para a Milícia. Contam os distintos historiadores que houve até quem chorasse por sua partida. A de nome Rosalva andara ameaçando passar a faca no pulso de tanta desilusão. O seguinte era Argimiro, magrelo, com asma desde moleque. Depois, por ordem decrescente, talvez viessem: Arcanjo, Nastácio, Tonho, Pantaleão, Alberico, Juca, Raimundo, Azarias, Filoleu, Genésio, Astolpho, Arceu e Tenório. Das mulheres, as ainda vivas: Dodosa, a mais velha porque usava umas muletas de pau-de-são-jorge (madeira já extinta na região), Dolores, Dinha, banguela mas de umas tranças tão compridas que se algum dia ela se deitasse nas moitas de beira-trilho de Tenório, o mais novo da tropa, este as confundiria, no pressentimento e no faro, com duas jibóias gêmeas e as cortaria a pedradas de bodoque, mesmo com os olhinhos fechados. Dália e Dasdores, morenas e compridas. Os olhos de Dália pareciam duas pitangas roxas, os de Dasdores bosta-de-cabrito: a diferença entre elas.

*

Mateus andava se esquecendo das coisas muito facilmente. Quando queria ordenar: “Arceu, carrega daqui este mei’saco de milho, desgraçado!”, ele dizia: “Dolores, vai buscar pinga no Simeão e manda botar na conta!”. Sua mulher, Dorvinda, a doida, vez por outra temperava a comida com rapadura e quirela e tratava dos porcos com pó-de-café, chamando-os da manga como se fossem galinhas.

Tenório, o mais novo, carregava no rosto duas crateras sardentas, a pele rugosa. Parecia um velho. Quando andava,

sempre de olhos fechados, as coisas ficavam estacionadas num escuro enorme e ele ia tateando com mãos e pés firmes as paredes do mundo. Seu maior divertimento era deitar-se na clareira da Serra dos Ventos e fingir-se de morto.

Certa manhã, como de costume, caminhou meia légua adentro e começou a subir a serra. Depois, cansado, estirou-se na clareira de barriga para cima e braços abertos em cruz. Esperou os abutres formarem círculos sobre sua cabeça. Alguns chegaram mesmo há uns dez metros de altura para observá-lo. Então abriu a boca devagarinho como se desejasse engulir o céu e deixou transparecer dois dentes encardidos que exalaram um hálito quente nas árvores. E assim teve, pela primeira vez, a sensação de conseguir enganar os urubus. Além disso gostava de trançar argolinhas de cipó para depois de várias prontas enfiá-las numa forquilha e fazer movimentos circulares com o braço até que saíssem girando no ar feito disco-voador. Toda vez que caminhava para a clareira passava por um dos precipícios do Rio Conquista, sobre o qual, há muitos séculos, se construía uma pinguela de peroba vermelha. Aquele dia ficou ali, ele, Tenório, no meio do mundo, inventando diálogos com os peixes. Depois de muito tempo descobriu também que podia abrir os olhos para mirar-se nas águas profundas do poço. A partir desse dia nunca mais entendeu o que significava para ele a morte. Sentir sua presença era como caçar passarinho: se demorasse muito no galho ou tentasse afinar o canto, a pontaria não necessitava de ajuste: era um tiro só, certo, infalível.

Ali o silêncio, o verde, o azul, o azul e o verde se fundindo no coração como um pássaro em agonia. Dali arrebatava seu mundo convulsivo e atmosférico. O chão exalava cheiros e manhã e cada silêncio era um monólogo no escuro. Por todos os lados entradas e saídas e de noite o vento vinha vindo da lua em feição de vendaval. A clareira era um mistério de duas pernas solto no mato. Sair de noite nas trilhas e ficar observando as estrelas que falavam. A lua era habitada por gigantes redondos e brancos que usavam grandes argolas de

ferro no nariz, possuíam uma língua estranha e às vezes desciam nas redondezas para brincar de fazer pecado.

*

- / Quando Dália estava sentada num moirão de cerca caído, folheando uma revista de amor.
- / Tenório, sem que ela percebesse, chegou-se pra perto.
- / Ficou olhando.
- / Dália estava de pernas abertas e sem calça, a revista na frente dos olhos.
- / Quando soltava risadinhas histéricas enfiava o indicador no sexo.
- / Tenório ficou com medo de ser descoberto, delirava. Escondeu-se numa moita de bambu e ali mesmo masturbou-se.
- / Então pensou que devia de estar virando homem adulto e, durante a noite.
- / Desejou possuir sua irmã.
- / Não dormia pensando no corpo branco que ela não tinha, aquela morenez nua, terna, compassiva como uma égua...

Então, como tivera horríveis pesadelos naquela noite, para espantá-los da consciência resolveu ir embora, ganhar uma estrada qualquer que fosse para o Norte, atravessando matas, rios, cordilheiras nevadas, campos de petróleo, milharais, canais, desertos, barranquilhas e cafezais. Que atravessasse toda a América-de-baixo, até em cima, rasgaria a barriga da América, essa grávida mulher, com seu punhal de coragem...

(De acordo com os dados históricos fornecidos por Salustiano Camargos, o seu intento era conhecer os Estados Unidos, tirar proveito disso e um dia voltar com a consciência tranqüila, já esquecido dos desejos carnis que o remoíam por dentro. Ele voltaria com idéias novas, pregando a paz e a união entre os homens, a depravação da carne e do dinheiro. Tenório no fundo queria ser um santo, um santo que desse grandes gargalhadas ao invés de perdoar os pecados).

* * *

DA MANEIRA COMO TENÓRIO, O FILHO-PRÓDIGO,
VOLTA À CASA PATERNA VESTIDO DE SANTO E
MATEUS RESOLVE CONTAR QUANTOS FILHOS TINHA

fls. 445 do "Livro das Gerações", cap. XXIII
.....
conforme registra Salustiano Camargos nos seus
.....
arcaicos arquivos sobre a tão pequena história
.....
de Agonília.
.....

Convenhamos que o estranho tenha surgido na curva do caminho onde acabava a estrada de pedras que ia dar na porta do Coronel Valburga, tenha se arrastado até a casa de Mateus e batido na porta. Mas a mulher Dorvinda foi quem o viu primeiro, diz a fls. 445. Era um gigante todo sujo e esfarrapado, vestindo uns trastes de flanela branca pingada de bolinhas encardidas de azul. Trazia um colar de barbante penduricado no pescoço (mesmo naquela época ali era o lugar dos colares), em cuja extremidade havia uma moeda de um dólar que brilhava como o sol. A doida Dorvinda, dias depois, disse para seu marido Mateus que a primeira impressão era a de que o estranho fosse caçador, mas consideremos que ele trazia consigo apenas a fome e o destino, nenhuma espingarda, nem ao menos um canivete e, por outro lado, naquele um terço de província a caça era proibida pelo Coronel Valburga que afixara uma tabuleta na margem da estrada de pedras dizendo que "*quem arrancar minhoca da minha terra, assassina MEMBRO DA FAMÍLIA*". E a mulher Dorvinda disse que o desconhecido pediu um copo d'água por favor e, ao mesmo tempo, percebendo um temor camuflado nas rugas dela falou que a senhora pode ficar sossegada que não tou fugindo dos soldados não e de mais ninguém, só tou de passagem... E ainda contou que estava com fome e quem sabe a dona não tem um prato de sopa de lentilhas para oferecer a um andarilho que não come

há três anos. A mulher Dorvinda então olhou para Mateus mastigando qualquer coisa no rabo do fogão e como que lhe suplicasse fitou-o tão docemente que o marido — depois não soube explicar como acontecera — falou que ela podia convidar o moço pra comer que senão o grude esfria e sinceramente Mateus não sabia porque tinha feito isso e depois nem se lembrava (esse seu maior defeito) se Dorvinda tinha cozinhado lentilhas naquele sábado porque naquela casa, LEMBROU-SE, ninguém, a não ser seu menino menor, Tenório, gostava de lentilhas. Fizera uma pausa e franzira o cenho pra se lembrar do nome do menino mais novo e continuou assim até à morte, porque nunca o soube e mais, esquecera-se de desapertar os olhos e abaixar novamente as sobranceiras.

Quando o homem entrou pela casa adentro, o olhar fixo no teto, Mateus ergueu-se do rabo do fogão e foi ordenando à Dorvinda a arrumação da mesa pro moço, pro senhor não reparar que em casa de pobre não tem cerimônia e espantou Dinha e Dasdores espiando pelo vão da porta do quarto e continuou dizendo que ele podia ficar à vontade, a casa era sua, mas tudo simples assim do jeito que Deus quis graças a Deus.

Anos depois, na soleira da porta, pensando, Mateus tornaria a não entender porque dissera aquilo. Havia alguma coisa lhe cochichando aos ouvidos que o moço era gente fina, talvez um destes reis da tal de Noruega disfarçado de mendigo ou sabia lá dessas muitas estórias de fotonovela que sua mulher, antes da loucura, lhe contava. E só disso lembrar Mateus esquentava o sangue e precisava ir na bica molhar a cabeça e depois sacudir-se como um vira-lata. Era o destino. E tentava esquecer:

— Mas uma talagada, Simeão.

No entanto, numa dessas noites de insônia em que a memória estala como um copo que vai ao chão, Mateus lembrou-se de contar quantos filhos tinha. Quando notou a falta de Tenório chorou de desconsolo, mas não perguntou a ninguém, nem mesmo à mulher, o que fora feito dele. Era

melhor esquecer novamente... Era melhor tê-lo como morto, mas guardado no coração.

— Bota na conta. Simeão.

* * *

COMO VEREMOS O ESTRANHO COMER ESMERALDAS COM LENTILHAS E FAZER AMIZADE COM SEU IRMÃO, O MAIS NOVO...

O visitante parecia ter idade incerta e falava com um sotaque estrangeiro. Quando a mulher Dorvinda trouxe a toalha de xaderz vermelho¹ e a moringa d'água fresca, a visita enfiou a mão esquerda por dentro dos trastes de bolinhas azuis e retirou de lá um monte de pedras redondas, compridas, brilhantes, pontudas, estreladas, rugosas, lisas, oleosas, secas, rombudas, estriadas, esféricas, quadradas, cúbicas, retangulares e todas pareciam estranhas porque eram verdes e, quando dias depois Mateus tocou uma delas esta pulverizou-se ao contato de seus dedos. E a visita foi colocando-as sobre a mesa, ao mesmo tempo em que, com a outra mão despejava um pouco d'água na panela e bebia a sopa de lentilhas na própria vasilha, erguendo-a pelo cabo até à boca. Depois escolhia algumas pedrinhas e mastigava-as como sobremesa, sob as faces de espanto de Mateus, Dorvinda e os filhos homens que chegavam naquele instante do eito.

Argimiro e Arcanjo escorregaram do alto de sis e entreolharam Nastácio e Tonho, esfregando seus quatro olhos de incredulidade. Os dedos rudes desenharam o ar num só tempo e por instantes Argimiro fitou a terra da janela, espalhando a vista nos longes da Serra dos Ventos. Pressentia. Tentou decifrar dali o mistério do desconhecido mas, depois, voltando os olhos, descobriu o pai rindo para a visita e pensou que ele já fosse amigo da casa, talvez um tio que viera de longe...

1. Presente de sua bisavó que morava na capital da Província e que só era usada para receber pessoas importantes da época.

Tonho já o achara com ares de mágico e esperava presenciar a qualquer momento a metamorfose das pedras em porcos e galinhas ou que de suas mãos saíssem pombos em revôo. Percebeu, pela primeira vez, que existia para além da janela o rangido do moinho d'água. Nastácio, desconfiado, recolhia-se das regiões do sonho, perguntava-se se o Coronel já sabia da presença do estranho. Sempre achara aquilo tudo um deserto imenso, povoado apenas por vacas magras e homens raquíticos, animais se consolando na desgraça comum. Teve raiva do Coronel e mordendo os lábios ajuntou o rabo entre as pernas e continuou perscrutando a cara de bicho roedor do visitante...

Oito horas da noite, o homem refestelado na mesa e babando pelos cantos da boca resolveu conversar. Mateus chegara a pensar que os cômodos de sua casa começavam a parecer-lhe estranhos. Era uma força inacessível que o roía por dentro, tirando-lhe, aos pouquinhos, os sentimentos de posse. Percebia que na realidade que mandava era o homem-da-moeda-de-ouro. A FORÇA o impelia a concordar plenamente com isso e até a considerá-lo um sujeito muito simpático, meio calado vá lá, mas "em boca fechada não entra mosquito" e sempre repetia isto como a máxima da dignidade humana a ser louvada nas pessoas estrangeiras.

*

Mais vinte sábados se passaram até que a visita fizesse amizade com Piriá, o atual menino menor.²

— De manhã eles saíam procurando pedras pela estrada e chegavam até a clareira da Serra dos Ventos.³

2. Desde que Tenório ganhara o mundo, tornara-se santo americano e agora filho-pródigo, a prole de Mateus triplicara. Salustiano, o historiador, nesta parte confunde os nomes e vê-se apenas uma? nos seus arcaicos arquivos.

3. E novamente Salustiano, o historiador-mór de Agonília, narra que daí começaram a surgir os mistérios mais indecifráveis de todos os tempos. As lendas rezam que neste local o menino Piriá tomava partes com o diabo.

— Mateus capinava o arroz e limpava os pastos do Coronel Valburga, o doce, desde a madrugada.

.....(passa-se à fl. 446).....

— Quase ao anoitecer Dodoca chegava na janela, arriava as muletas e observava os dois amigos, alegres, cantando uma música monótona, de igreja (às vezes tinha a impressão de que um órgão escondido no meio do mato os acompanhava), mas Dodoca no fundo gostava da música porque dava-lhe sono e por várias vezes tentara acompanhá-los, mas não sabia cantar em inglês.

— Nestas mesmas tardes Piriá vinha montado no pescoço do brutamontes e este chegava até à porta da casa dizendo que eu estar novamente aprendendo virar cavalo, imitar dog, cock-a-doodle-doo, rangido de porteira e canto do carro-de-boi

E como Dodoca se sentisse muito feliz com isso, nem chegava a pensar que o estranho mister X pudesse ser louco, ou quem sabe, um enviado de Deus.

* * *

DA HOSPITALIDADE DO CORONEL VALBURGA E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES MENORES SOBRE SEUS OLHINHOS MOLHADOS TALVEZ DE EMOÇÃO.

Entre o claro e o escuro a bondade do Coronel Valburga não conhecia vacilações atrás dos bigodes espetados. Ao final de seiscentos sóis fora informado da presença do viajante e apressou-se em retirá-lo do fedor da casa de Mateus.

— O senhor parece ser gente de bem. Não pode ficar vivendo num chiqueiro de loucos, doutor!?

O velhinho conhecia, pelo olho das pessoas, a dignidade que se escondia em suas entranhas. Quando olhou pela segunda vez o homem-amarelo e viu o um dólar dependurado em seu pescoço não teve palavras para demonstrar sua emoção em hospedar um americano em seu modesto lar, as lágrimas rolaram densas, compactas, e por muitos dias ficaram salgando os restos de charuto no cinzeiro de prata até que, com a voz

rouca e olhinhos ainda molhados, curvou-se respeitosamente apoiando a amarrotada mão esquerda na bengala pintadinha de azul e vermelho com estrelinhas brancas verticalmente enfileiradas e disse que era descendente de conquistadores espanhóis⁴ e que sua pessoa was feeling himself emotioned, taking in so inteligent and important visit e que ele podia ficar ali hospedado até quando bem quisesse, colocaria os empregados à sua disposição e os jornais, os livros e foi logo chamando a cozinheira que veio sorrindo e pedindo licença para entrar na ante-sala, tirou os chinelos de pneu para pisar no tapete persa e falou pois não meu senhor, estou às ordens e o velhinho virou-se para o americano já com um charuto na boca:

— O doutor aceita torradas com “bacon”?

* * *

DE COMO TENÓRIO, O SANTO, ASSUME SUAS FUNÇÕES E INSTALA-SE NAS RUAS DE AGONILIA ANGARIANDO FIÉIS COM SEU CANTO.

O Coronel conseguiu hospedar Tenório durante duas luas e dois sóis, período em que trocaram idéias mis, debateram problemas do país, gargalharam e beberam. Os assuntos variavam entre Gregory Peck e Neil Armstrong, Frank Sinatra e Clark Gable e, vez e outra, para dar tom à conversa, a cozinheira entrava na sala com o breakfast, contando nos dedos one, two, three, four, five, six, seven eight nine ten.

Depois disto, o santo, o ex-filho-pródigo, resolve sair de mansinho pela janela de seus aposentos e como um avestruz em lua-de-mel ganha a estrada e sobe as primeiras ladeiras do lugarejo. Nisto o boato já corria pela cidade. Como narra

4. Aqui a História se confunde. Alguns afirmam que o Coronel, por ter olhos azuis e a barba ruiva, era descendente de ingleses colonizadores, outros, estes talvez os mais certos, atribuem ao Coronel um galho na árvore genealógica cujo tronco chamava-se Salomão, o sábio.

Salustiano, naquele território o tempo não tinha freio nos pés nem estribos na boca. Agonília era uma noite de vento colada no céu. Os viajantes cortavam os caminhos e diziam que o SANTO usava uns trastes de flanela branca pingada de bolinhas sujas de azul e trazia um colar de barbante penduricado no pescoço, em cuja extremidade balouçava (este o termo) uma moeda de um dólar que brilhava como o sol. Odorico, quando chegou para vender suas mercadorias, contou que há quinze dias passara por Dorenópolis e que lá as pessoas murmuravam olhando para o céu vermelho, à espera do SANTO. Os velhos e os meninos não mais apascentavam os rebanhos, que o ferreiro Gaspar esquecera a fornalha acesa, um ferro vivo escorregou até as sacas de estopa e que o resto o vento se encarregara de fazer. Outro viajante, Santiago das Rendas, contou que os pássaros e os peixes enlouqueciam e cavavam buracos na terra, como tatus, as árvores se retorciam, coitadas, se encolhiam, coitadinhas, como se fossem crianças com frio se abraçando. A trinta e seis quilômetros de Pasto Grande os cavalos investiam contra as águas do Conquista e talvez pensassem que tivessem chifres e alguns arrebentavam as cabeças nas pedras do fundo e o céu era verde, verde como o capim que crescia na Serra dos Ventos. E estes ventos que dela saíam eram fortíssimos, esquizofrênicos, mas o capim apodrecia-se aos poucos e soltava um melão roxo nas pedras e as pedras, as pedrinhas pareciam corações verdes se estufando e se contraindo, como o céu, como a serra. E Santiago terminou falando que era o fim do mundo, que o SANTO chegara para o tribunal dos tempos, cercando o mundo, sem itinerário.

*

Os cachorros espantavam o ar quando ele, sentado no meio-fio, frente ao Forum Municipal, começou a cantigação de reza de igreja e nem mais, que os habitantes contavam de amiúdo o caso e sabiam de cor encarrear a conversa.

Assim de por-perto foram chegando as outras pessoas, de necessidades por perguntar e cenho levantado, mas que

ao final de certo tempo acompanharam o SANTO no canto. E só.

Primeiro vieram os meninos, os cachorros e as mulheres. Depois os homens que negociavam gado na porta do Bar do Odulfo, nas rodas de venda e “snoocker”. E era de se ver que mesmo de sis desconfiados se arrumaram em fila de procissão e enrabicharam por detrás do santinho. Como era meigo!

— Ara! Não houve por cá quem não pusesse credencial no que ele fazia, seresteiro assim que nem coração de cachorro desarrefece! — narrou Salustiano.

Depois de sete dias, de sete noites, sete crepúsculos, o vento dormitou no ar. Tudo parou em Agonília. É certo que houvera rumores de desatino e sofrimento por outras bandas, mas agora o mundo estava calmo. Mateus acordou com a boca esfarelada, levantou-se e foi até à bica beber água. Molhou os cabelos compridos e depois sacudiu-se como um vira-lata. Ainda não amanhecia. Tateou o escuro e descobriu novamente a porta da cosinha. Bocejou. Outro cachorro deu sinal de vida em algum lugar e ele dormiu outra vez, agachado na soleira da porta.

* * *

DO MISTERIOSO DIA EM QUE (TENÓRIO?) O HYPPIE MORREU ELETROCUTADO QUANDO QUIS ELEVAR-SE AOS CÉUS E ENTROU PARA A HISTÓRIA.

De manhãzinha ouviu-se o primeiro murmúrio. Os olhos sonados e incrédulos se procuravam para uma explicação. Era domingo e o povaréu se juntava na praça. Na igreja de Santa Cocota o padre andava de um lado para o outro, preocupado com a demora dos fiéis, o missal na mão esquerda e a direita coçando a cabeça. A verdade é que o SANTO estava ali, na esquina da venda de Simeão, dependurado pelos fios elétricos de um poste. Parecia morto, os olhos vidrados, a pele tostada. Usava agora uma calça de brim azul e uma

camiseta vermelha com listras brancas, trazendo no peito um crucifixo enorme.

— Será que o SANTO morreu eletrocutado?

— Quéde a moeda-de-ouro dele?

— Isso é santo coisa nenhuma, cadê a argolinha em cima da cabeça?

— Padrenossoquestaisnocéurogaipornós...

O vento soprava com força e ele balouçava como um fantoche.

— ...perdoaiasnossasdívidas assimcomonósperdoamos
aquemnostemdividido...

Quando o Coronel Valburga percebeu o que estava acontecendo (viera à cidade para uns negocinhos de gado, registra Salustiano Camargos), reuniu seus empregados no meio da rua e mandou que fossem lá tirar o homem dos fios.

— Não pode estar morto, não pode! E seus olhinhos transbordaram-se de lágrimas.

— Onde já se viu deixar um ser humano, um visitante, um compatriota morrer assim? Aos pouquinhos...

O Coronel sabia porque os cabelos dele cresciam e iam enrolando-se no corpo, como um pé-de-gavinha. Mas os capangas, com medo de levar choque, não obedeceram às ordens do patrão.

— Mas isto é um desacato! — berrou o velho, desmontando de seu cavalo. — Eu mesmo tiro o homem daí!

Mas assim que encostou o cabo de seu chicote na mão do SANTO e com a outra tentava puxá-lo pelos cabelos, faíscas chisparam de seu corpo e um barulho esquisito reboou no espaço da praça. As mãos ficaram agarradas. Estava sendo sugado para dentro de suas carnes.

Foi aí que a tragédia aconteceu.

.....(passa-se à fl. 447 do "Livro das Gerações").....

Dona Zizinha, ex-mulher do Coronel, no desespero de ver o antigo amado em perigo, veio acudí-lo mas também ficou agarrada. Daí vieram as comadres de Dona Zizinha, os maridos das comadres dela, os filhos, os netos, os sobrinhos, os empregados que por encanto perderam o medo, Simeão, que deixou a venda pra retirar a sogra que estava presa, Bento Santino, Euzébio Padeiro, Custódio Pentefino, Waldemar Carapina, todos os alunos de D. Elvirinha Vieira, Lili da Bunda Roxa, Rita Fubá, Rosalva Gelatina, Dália e Dasdores, Tonho e Nastácio, Raimundo e Genésio, Dorvinda e Dolores, Piriá e seu bodoque, a avó do Prefeito, os parentes até a 5ª geração, os mortos do cemitério; enfim, Agonília inteira acabou se prendendo, direta ou indiretamente ao SANTO, numa terna demonstração de amor e fraternidade municipais.

Agora, todos os dias é assim. Agonília não mais desperta às cinco da manhã com o tocar dos sinos da igreja. Um tocar abafado e rouco, porque os cabelos do SANTO dependurado nos fios cresceram tanto que encobriram toda a cidade e as redondezas, se confundindo com o capim das invernadas. Apenas Mateus, o varão do mundo, acorda com a boca esfarelada, levanta-se e vai até à bica beber água. Molha os cabelos brancos compridos e sacode-se como um vira-lata. Tateia o escuro e descobre novamente a porta da cosinha. Boceja. Outro cachorro dá sinal de vida em algum lugar e ele dorme outra vez, agachado na soleira da porta.